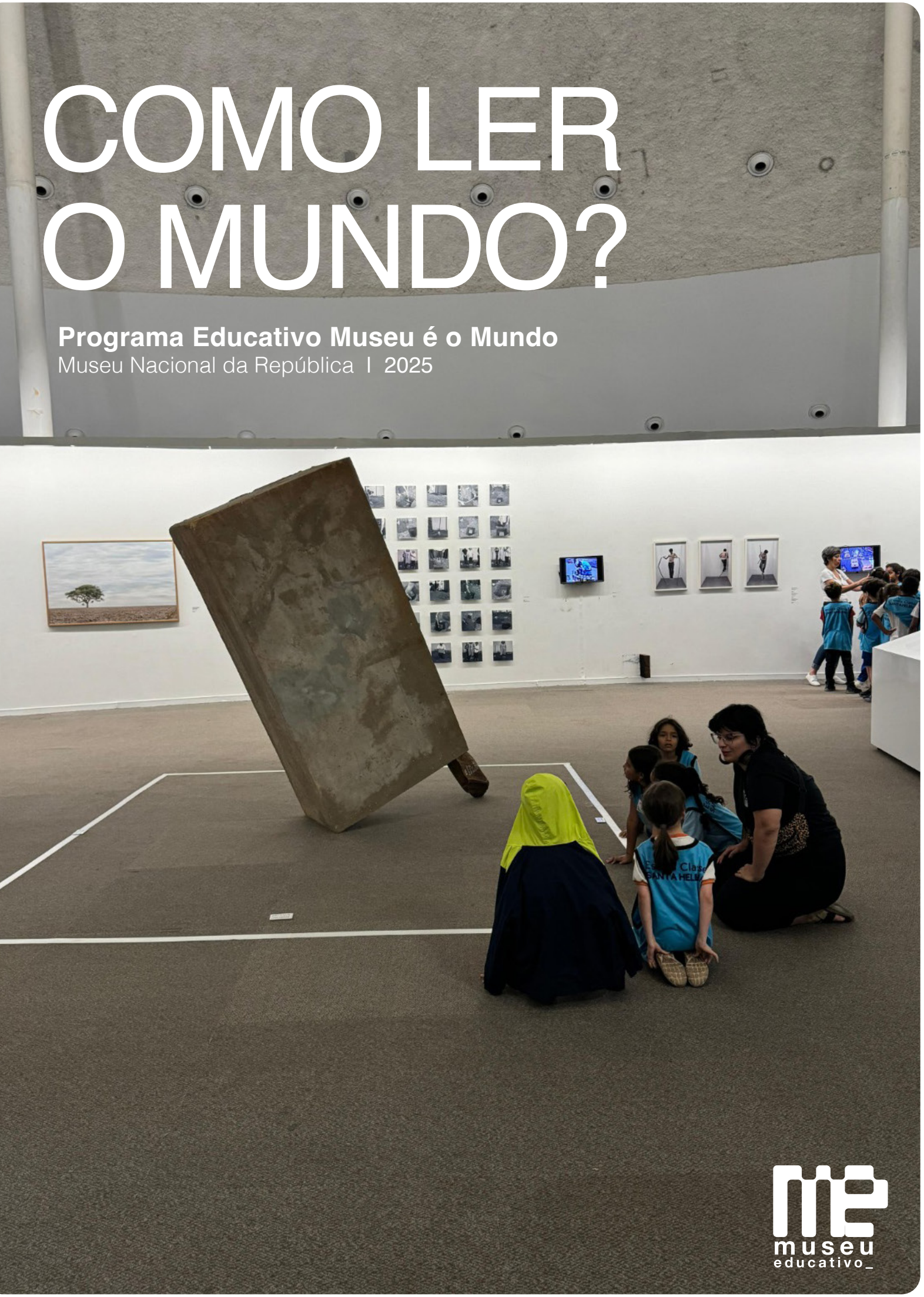
COMO LER O MUNDO?

Programa Educativo Museu é o Mundo
Museu Nacional da República I 2025



museu
educativo_

CARA EDUCADORA,
CARO EDUCADOR,

Não poderia este texto responder à questão sobre a qual ele se debruça senão com outra pergunta. A pergunta é a resposta que é a pergunta. Ler o mundo é ler a si e esta é uma tarefa que nasce e morre irresoluta. Logo, “Como ler o mundo?” é uma sugestão, um argumento para que nós nos aventuremos a tentar encontrar a pergunta que pode suspender o véu que turva os sentidos das coisas.

Voltado para educadores em geral, este material tem o objetivo de subsidiar a elaboração de projetos pedagógicos destinados à leitura de imagem, à interpretação de signos e à construção de exercícios de pesquisa que fomentem o desenvolvimento de um olhar com relevo e profundidade no contexto de sala de aula. O conjunto de ferramentas de ativação do olhar que reunimos aqui serve não somente à condução de exercícios de leitura de imagens a partir das obras do acervo do Museu Nacional da República que figuram o material, mas de toda e qualquer imagem, já que institui como ponto de partida a visão de cada estudante, suas opiniões e conjecturas, firmadas em suas próprias perspectivas.

Para começar, é importante que também nós, arte-educadores, e educadores de outras áreas, nos desfaçamos da ideia de que a arte (toda e qualquer imagem) produz certezas acabadas, cristalizadas, ou que possa ela ser descolada do contexto em que ocasionalmente está inserida, como se independesse de quando e onde é vista. Ao contrário, o impulso que lhe dá origem parece mantê-la em permanente reconfiguração através dos tempos, como um rio que corre sem cessar. Uma vez que nos dispomos a entrar neste rio, já não somos mais os mesmos, nem suas águas são as mesmas.

Vamos juntos?

> POR QUE LER IMAGENS?

“O real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia”.

João Guimarães Rosa
Grande Sertão: Veredas

No mundo contemporâneo, em que o acesso à informação se dá quase que totalmente de maneira difusa, rarefeita e cada vez mais tendenciosa, obtusa, é fundamental reconhecer tanto a centralidade do estudante na construção do conhecimento quanto o lugar decisivo que a arte ocupa, no exercício do pensamento que interroga certa platitude de tudo, que parece nos entorpecer. A experiência no âmbito da arte é via de regra um salto no escuro (como é também a vida), e, eu não sei se ocorre o mesmo com vocês, mas isso é o que me anima.

Fomos ensinados a ver por outros olhos. Quantas vezes, em uma exposição por exemplo, mal avistamos algo e, desnorteados, lá vamos nós afoitos recorrer a uma elaboração pronta, dada, como o são os famigerados textos plotados nas paredes, que falam sobre arte, sobre aquela visualidade que nos defronta, de um ponto de vista institucional, formal? Embora - importante alertar - não seja o único ponto de vista, tampouco seja ele definitivo, engole-se o que diz o texto da parede, presumindo-se que ele deve saber mais do que os nossos olhos dão conta de compreender. Esquece-se, no entanto, que a arte, mesmo em sua concretude e sua historicidade, não existe fora de seu próprio acontecimento, ou seja, depende da existência e da efetiva presença de um interlocutor.

Portanto, o que está no texto, a rigor, nem bem existe, considerando-se que nossa relação com a arte é o que a (re)funda continuamente. No contexto da arte, mesmo informações objetivas sobre a criação de uma obra, sobre a linguagem utilizada ou sobre seu autor sugerem tão somente um caminho para a leitura. Logo, cabe a nós educadores não restringir a arte ao terreno das certezas, mesmo porque deste universo ela é, sem dúvida alguma, refratária. Em lugar disso, nossos esforços precisam estar centrados na compreensão de que toda informação a que se tem acesso abre uma vereda no plano das articulações possíveis.

De um lado, as nossas experiências cotidianas, de outro, as histórias da arte, ou aquilo que se diz a respeito do que se vê. Nossa tarefa não é fácil. Sobre nós, paira a interrogação: “Por onde começar?”; “Como cotejar instrução e reflexão sem limitar o olhar, sem forçar uma direção?”

A nossa aposta é, parafraseando Drummond, penetrar surdamente no reino… das imagens. “Não seria mais apropriado substituir ‘surdamente’ por ‘cegamente’?” – você, cara educadora ou caro educador, pode me/se perguntar. É isso mesmo. Ver sem antes ouvir. Ver. Ver de novo. – O que isso me diz? O que eu vejo? Se parece com alguma coisa? Eu já vi algo semelhante antes? Da insubmissão da arte, deriva o efeito avassalador, o choque: ela realmente quer que vejamos algo em nós, não nela. Não é fascinante fazer parte do enigma e se lançar no desafio de decifrar a si?

A leitura em perspectiva, a partir de nós mesmos, condensa o que vemos e o que somos, estende-se desde o lugar onde se está até o horizonte, onde se localiza o que se quer investigar. É claro que sempre se está ali, em toda interpretação lá estamos nós, mesmo diante da absoluta incompreensão, ou na hesitação em se implicar na leitura do que quer que se seja. Embora nos revelemos, sem nos darmos conta, à revelia de nossa vontade, é na intenção de compreender a si a partir do mundo, que o sujeito encontra o que verdadeiramente lhe interessa, ainda que não saiba que essa descoberta pode desencadear uma série de outras investigações.

Arte é armadilha. O que vemos está sempre à espreita, nos olhando de canto de olho. E como em toda via de mão dupla, estamos nós também em perspectiva. Isso quer dizer que, quando notamos algum aspecto de uma imagem ou identificamos uma relação qualquer entre suas partes, ou, mais além, quando ensaiamos especular seus sentidos, está igualmente à mesa aquilo que nos constitui como indivíduo e coletividade, inclusive dirigindo silenciosamente nossa percepção.

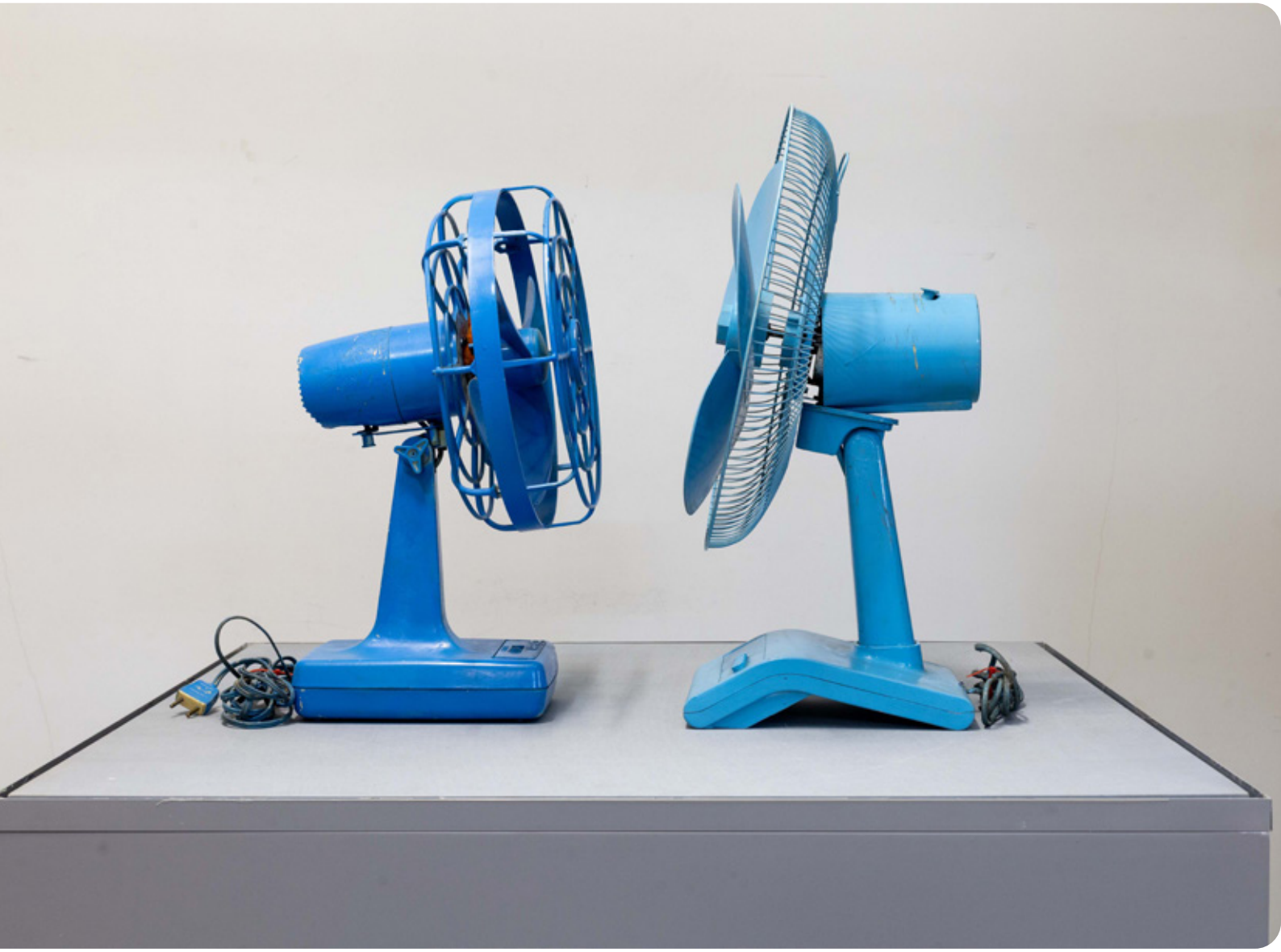
É este o fio condutor das atividades que ora apresentamos: o estímulo à apreciação das imagens em primeira pessoa, articulado, logicamente, à nossa conjuntura histórica e cultural. A maneira como cada estudante identifica, organiza e interpreta os elementos que compõem uma imagem traz à tona a sua singularidade e o auxilia a compreender seu lugar no mundo. Ler mundo e museu, como costumamos dizer no âmbito do projeto educativo que desenvolvemos no Museu Nacional, constitui-se em ferramenta essencial para navegar o vasto universo de informações e saberes que atravessam a experiência humana.

A descrição das imagens é etapa importantíssima da leitura a partir de si, dizer o que se está vendo, por meio de um vocabulário e de um repertório próprios, é uma excelente porta de entrada para começar a explorar o universo das visualidades. Ademais, compreender como os elementos se organizam em uma composição, e como essa organização contribui para os sentidos que emergem da nossa análise, permite exercitar o pensamento crítico e, de forma mais ampla, experimentar tecer reflexões genuínas sobre o mundo, costurando as histórias e os conceitos de que tratam a arte e as imagens em geral.

Este material baseia-se em metodologia desenvolvida junto à equipe de educadores do Projeto Museu é o Mundo, implementada no Museu Nacional da República. Inspirada nas mais diversas vertentes de pensamento que tratam da permeabilidade das imagens, interpretadas a partir de múltiplas perspectivas, e de como elas se relacionam com o corpo, com a mente e com a cultura, nossa proposta de atividades convoca professores e estudantes a refletir sobre como a arte nos vê e como nosso olhar também a constrói. Sem perder de vista que estamos em meio a um campo de forças que legitima e desafia a fruição, percorrendo, às vezes ao mesmo tempo, histórias, contextos e subjetividades. As atividades que sugerimos a seguir podem ser realizadas com todas as faixas etárias, com alguns ajustes, claro, de acordo com a dinâmica que se pretende implementar.

Bom trabalho!

Rebeca Borges
Coordenadora Pedagógica
Projeto Museu é o Mundo



Ventilamor
Raquel Nava e Mayra Miranda
Instalação
Dimensões variáveis
2010

> COMO LER O MUNDO
SUGESTÕES DE ATIVIDADES

1. O que eu vejo (me olha)

50 minutos

Propor aos estudantes que descrevam uma imagem (uma obra do acervo do MuN ou outra imagem) utilizando seu próprio vocabulário, sem mediação prévia. Essa atividade permite identificar como cada estudante percebe os elementos da imagem e quais aspectos chamam mais sua atenção.

1. Apresente a imagem escolhida aos estudantes sem contextualização ou explicação prévias;

2. Peça a eles que façam uma descrição livre, focando nos aspectos que mais chamam atenção;

3. Pergunte a eles quais temas a imagem aborda;

4. Ao final, cada um pode apresentar sua descrição e os temas que identificou;

5. Registre os pontos centrais das descrições e discuta coletivamente as semelhanças e diferenças nas observações.

> Vamos ver como uma simples descrição de uma imagem é capaz de mover mundos dentro nós?

> Dois ventiladores estão próximos e virados um para o outro. Um deles está ligado à energia elétrica, que faz sua hélice girar. O vento que ele produz faz as pás da hélice do outro ventilador, que está desligado, se movimentar. O ventilador, na obra das artistas Raquel Nava e Mayra Miranda, se transformou em 'Ventilamor' - título da instalação. Duas palavras, 'ventilador' e 'amor', foram misturadas e se tornaram uma só palavra. O que mais se mistura na obra? Como seria o amor que os dois ventiladores encenam? O vento passa de um para o outro, eles dançam. É possível ver o vento? E o amor?

[!] Uma estratégia para compreender os efeitos que a configuração dos elementos que compõem uma obra produz, é imaginar como a obra seria, que outros sentidos apontaria, se estes elementos estivessem organizados de uma maneira diferente, se tivessem outras dimensões, outras cores, fossem feitos de outro material, se fossem outros, se não estivessem apoiados em uma superfície etc e etc. Sendo outra, produziria outros sentidos, falaria sobre outras coisas.

2. Janelas

50 minutos

Selecionar imagens, enquadrando um objeto ou uma paisagem em um moldura de papel. Propor aos estudantes que criem janelas para o mundo.

1. Dividir os estudantes em duplas. Distribuir uma folha de cartolina ou outro tipo de papel, tesoura, estilete, régua e fita adesiva para cada dupla;

2. Cada dupla deve criar uma moldura/estrutura como uma janela, uma estrutura vazada, com tesoura ou estilete;

3. Peça a eles que caminhem pela escola em busca de paisagens ou objetos para enquadrar com as molduras. Oriente este procedimento, lembrando a eles de refletir sobre o que querem enquadrar, justapor, ressignificar com suas molduras;

4. Ao final, cada dupla pode apresentar sua paisagem/seleção e dizer porque escolheu este espaço, objeto ou paisagem e como as coisas que sua moldura encerra dialogam entre si.

3. Se parece com

50 minutos

Identificar os elementos principais de uma imagem e relacioná-los a significados ou associações pessoais e culturais. Por exemplo, analisar as cores, as formas, os gestos e os espaços representados.

1. Divida os estudantes em duplas ou grupos e peça que eles escolham uma imagem dentre as obras do acervo do MuN ou uma imagem proveniente de outro contexto;

2. Instrua os grupos a listar elementos visíveis (formas, cores, texturas etc.);

3. Peça que associem esses elementos a algo que conhecem;

4. Promova e conduza uma discussão a respeito das diversas interpretações.

4. As histórias que a imagem conta

50 minutos

Escolher imagens oriundas do contexto dos estudantes (fotografias de sua cidade ou comunidade, imagens de seu cotidiano) para que eles possam relacionar o que vêem a seu repertório cultural e afetivo.

1. Solicite aos estudantes que tragam fotografias ou escolham imagens relacionadas ao seu cotidiano;

2. Realize uma análise coletiva, explorando as conexões entre as imagens e o contexto social, histórico e afetivo;

3. Estimule a criação de textos baseados nessas imagens, cotejando informações a respeito do que a imagem retrata.

5. Em primeira pessoa

50 minutos

Incentivar os estudantes a criarem uma história com base na imagem analisada. Que histórias podem ser contadas a partir dela? Como os elementos representados agem na construção dos sentidos que ela abarca?

1. Escolha uma imagem;

2. Peça a cada estudante que construa uma história baseando-se na imagem, eles podem explorar qualquer aspecto ou parte da imagem e podem igualmente buscar informações sobre as imagens, criando outros caminhos para escrever sua história;

3. Promova a leitura em voz alta dos textos, debatendo as diferentes interpretações.

6. Perguntas levam a outras perguntas

50 minutos

O que perguntar para as imagens? O que queremos compreender? A pergunta, sucedida de outra pergunta e de outra, torna-se uma espécie de conversa sem fim, sem direção.

Perguntamos à imagem: o que é isso que está diante de mim? E ela responde: O que você vê? O que não vê? Por que vê o que vê?

Estamos diante de um espelho que mostra quem somos à medida em que nos revelamos. Por isso a pergunta é esta fenda na superfície dura da imagem, por onde somos irremediavelmente tragados. A ideia desta dinâmica é estimular os estudantes a levantarem questões sobre a imagem, identificarem problemas e elaborarem hipóteses.

1. Escolha uma imagem;

2. Oriente os estudantes a formular perguntas sobre a imagem.

3. Em grupos, peça que respondam às perguntas com outras perguntas. Por exemplo: Porque o céu não é azul nesta imagem? > Será que o autor desta imagem viu este céu desta cor ou é fruto de sua imaginação? > …

4. Lembre-se, neste exercício, a pergunta não deve ser respondida, mas abrir espaço para outras perguntas.

[!] Este material é um convite para pensarmos como o mundo nos atravessa e como nos construímos em meio ao emaranhado de coisas que constituem o universo que nos cerca.

O processo da leitura de imagens, crucial para o desenvolvimento do raciocínio visual - tão caro e raro nos dias atuais -, converte-se inclusive em exercício de compreensão não somente de nós mesmos mas do outro.

Dinâmicas simples como estas que sugerimos são capazes de, aos poucos, ampliar ferramentas e horizontes, ajudando crianças, jovens e adultos a lidar com as incertezas e as ambiguidades que carregam e, em última instância, a descobrir outros caminhos em si mesmos para criar o mundo em que desejam viver.

> ANEXO

IMAGENS DAS OBRAS DO ACERVO DO MUSEU NACIONAL DA REPÚBLICA

Chico Alvim, Sem título, Sem data

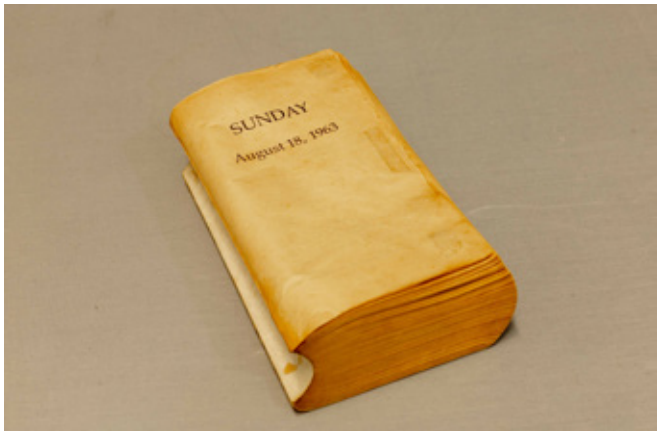
30 x 30 cm
Serigrafia sobre papel

Gravura com fundo e manchas azuis, inscrições “Nuvens passam”,ao centro, e outras inscrições nas partes inferior e superior.

Raquel Nava e Mayra Miranda, Ventilamor, 2010

Dimensões variáveis
Instalação

Instalação com dois ventiladores, um ventilador ligado gira outro que está desligado.



Rodrigo Paglieri, Livro Corpo I Volume I - Domingo, 2009

26 x 18 x 7 cm
Objeto

Livro retangular, na cor creme (provavelmente fora branco, sofreu mudança devido a acidificação do papel) e preto. Frente: Em fundo liso, inscrição “SUNDAY/ AUGUST, 18, 1963” centralizada na parte superior. Parte de trás páginas que compõem o livro. Internamente possui espaço livre para inserção do maquinário interno de funcionamento, além de fiação elétrica.

Cildo Meireles, Rio Oir, 1976–2011

Escultura sonora

Instalação sonora com mídias digitais, caixa em papel marrom, com encaixe para acondicionar o LP e CD. Em formato retangular. Nas cores, marrom, preto, laranja, verde, azul, branco. Lado direito: Em campo na cor marrom inscrições postas vertical mente formando quatro colunas. Abaixo imagem ilegível (devido a foto do objeto) encaixada na parte inferior esquerda. Lado esquerdo: Em primeiro plano, conjunto de morros arredondados, a frente marca na cor azul escuro. Em segundo plano céu azul esverdeado. Extremidades centrais em formato de meia lua.

Luisa Günther, "sobre tratados e outros meridianos (ou) como transformar o que nos contorna em geografia", 2017

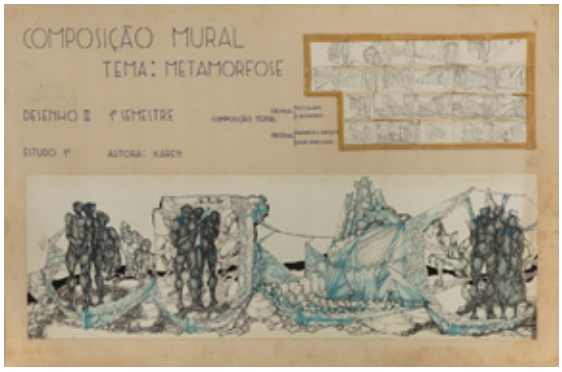
Dimensões variáveis
Instalação

Instalação de mídia mista composta por 32 pinturas coloridos sobre papel com vidro, eucatex e amarrada em nylon, 4 potes de miçangas, ladrilhos e haste com com nove desenhos por fita roxa.

João Angelini, Vela, 2015

40 x 40 x 70 cm
Vídeo-objeto

Videoinstalação composta por vídeo-objeto feito de papelão, vidro, monitor LED 22" e vela.



Karin Lambrecht, Projeto para pintura mural, 1973 - 1976

76 x 113 cm
Nanquim sobre papel

Projeto para pintura de mural com desenho, colagens e inscrições.

Ralph Gehre, Jovem sorridente com bandeja de frutas, 2005 — 2012

78 x 56 cm
Desenho digital e impressão fine art

Desenho digital impresso com fundo marrom e inscrição “jovem sorridente com bandeja de frutas”, com letras em vários tons de cinza e marrom.

Matias Mesquita, Sem título, 2017

Dimensões variáveis
Instalação com tinta óleo feita a partir de minerais de Olhos d’Água sobre rebocos encontrados na mesma região

Instalação com 14 peças de reboco utilizado com suporte para obra de arte.

Ricardo Muñoz, O dinheiro faz escorregar, 2017

110 x 100 cm
Grafite e tinta acrílica, técnica mista sobre tela

Pintura com fundo predominantemente azul, amarelo e laranja. Ao centro, mulher com vestido em formato da Catedral Metropolitana de Brasília, e braços e pernas no formato de guerreiro candango e tapa olho com cifrão.

André Parente, Desmonte, 2007

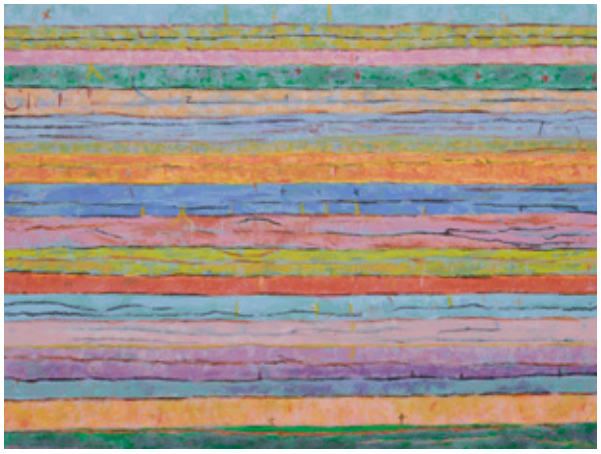
10,422 m²
Instalação

Representação da bandeira nacional, com lona azul e tijolos ao centro.

Ralph Gehre, Aqui estou, 2013

100 x 100 cm
Acrílica sobre tela

Pintura com as letras em formatos geométricos nos tons de rosa, vermelho, marrom, amarelo, cinza e branco.



Gonçalo Ivo, Rio S. Francisco- Vista de Ibotirama, Bahia, 1993

70 x 100 cm
Serigrafia sobre papel

Gravura abstrata, colorida, com linhas horizontais coloridas em tons claros de azul, verde, vermelho, rosa, roxo e laranja. Tiragem 101/150. Mancha 60x82cm.

Augusto de Campos, Tudo à venda, Sem data

100 x 100 cm
Impressão sobre placa vinílica

Impressão com fundo escruro e inscrições de poema “tudo é venda” em letras brancas.

Nanche Las-Casas, Sem título, 1986

60 x 40 cm
Impressão offset sobre papel

Obra com moldura de metal e vidro de proteção fosco. Impressão com fundo branco, contendo cinco fileiras com a silhuetas pretas de soldados marchando e segurando arma apoiada sobre o ombro. Cada fila possui oito soldados. Na segunda fileira de baixo para cima, o terceiro soldado difere dos demais: sua silhueta é branca, com detalhes em preto, braços levemente flexionados para cima,, segurando uma flauta transversal.

Josafá Neves, Painel Afroindígena, 2016

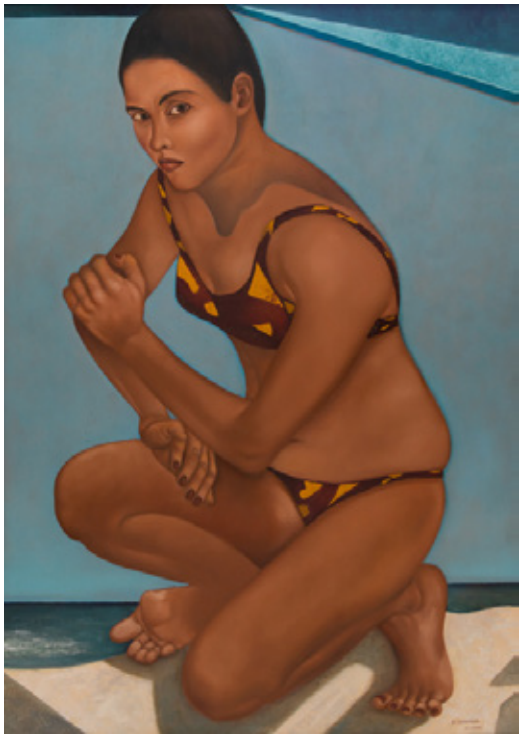
184 quadros de 15 x 15 cm formando painel de 150 x 285 cm
Acrílica sobre madeira

Instalação composta por 184 quadros coloridos (vermelho, roxo, azul, verde e amarelo) com símbolos (ponta de lança) em todos eles.

Raquel Nava, Série “Paleta” obra #3, 2018

90 x 60 cm
Fotografia

Fotografia colorida de gato marrom sobre pedaço de alimento com utensílios de cozinha espetados sobre bancada. Azulejos em tom de rosa claro ao fundo.



João Câmara, Sombras do meio dia, Sem data

110 x 80 cm
Óleo sobre madeira

Quadro com moldura de madeira. Pintura defigura feminina de biquíni vermelho e amarelo, na praia, com mar e céu azuis ao fundo.

Pedro Motta, Estatuto da Divisão Territorial, 2012

33 x 33 cm (cada)
Fotografia

Conjunto com 14 fotografias com moldura de madeira e vidro de proteção.

Laura Lima, Nômades, 2007-2009

31 x 42 cm, 50 x 41 cm e 85 x 45 cm
Óleo sobre tela, recorte e colagem

Conjunto com três máscaras com pinturas a óleo sobre tela, recortadas e coladas: pintura de paisagem marítima com caravela e vegetação na lateral; pintura de árvores, palmeira e vegetação verde; pintura de paisagem com céu escuro, pedras com musgo e flor rosa de cabeça para baixo.

Pedro David de Oliveira Castelo Branco, Sufocamento, da série Madeira de Lei, 2012

90 x 70 cm (cada)
Fotografia

Políptico de dez fotografias com moldura de madeira e vidro de proteção, coloridas, cada uma com uma árvore distinta, cercada por troncos de árvores de reflorestamento.

Bené Fonteles, 2001

Dimensões variáveis
Instalação

Instalação/ Doze sacos de algodão com objetos artesanais dentro.

Suyan de Mattos, Sem título, 2003

250 x 75 cm (cada peça)
Instalação

Corte de tecido com bordado, pintura e renda.

Beatriz Milhazes, Você me olha por quê? Por que você está me olhando?, 1992

100 x 70 cm
Serigrafia sobre papel

Gravura abstrata, colorida, com arabescos nas cores roxa e marrom, sobre fundo em tons de rosa. Ao centro, formas semelhantes a pétalas na cor amarela e branca. Tiragem 101/150. Mancha 60,5x60,5

Rubens Gerchman, From Car Seat, Sem data

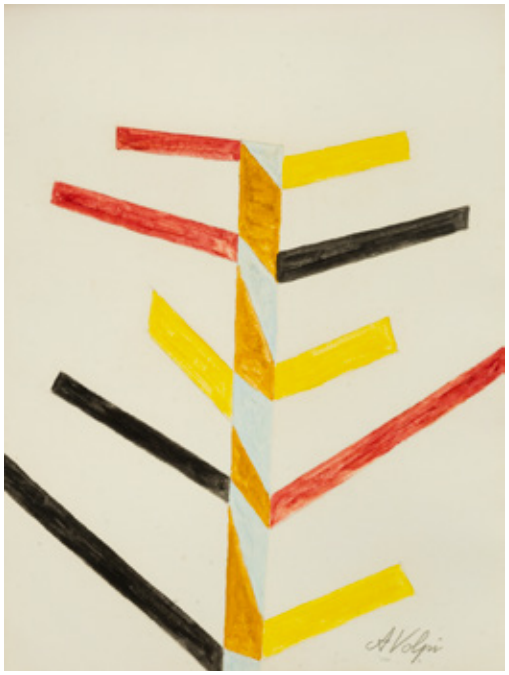
59 x 59 cm
Óleo sobre tela

Quadro com moldura em madeira com detalhe preto. Pintura de duas pessoas no interior de um carro, ambas com cabelos pretos, uma olhando para a outra. Na parte inferior da obra, volante, e na superior, espelho retrovisor. Fundo azul

Christus Nóbrega, Aspirante - do pó vim, ao pó retornarei, 2017

Dimensões variáveis
Foto-performance e instalação

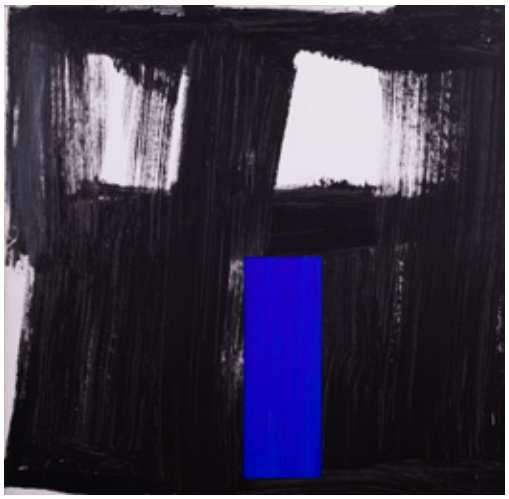
Conjunto de quatro fotos com pontas de carpe levantados do chão por hastes.



Alfredo Volpi, Sem título, c. 1950

32,5 x 23 cm
Técnica mista sobre papel

Quadro com moldura em acrílico. Composição abstrata de mastro com hastes diagonais nos tons azul, ocre, amarelo, vermelho e preto.



Amilcar de Castro, Sem título, 2000

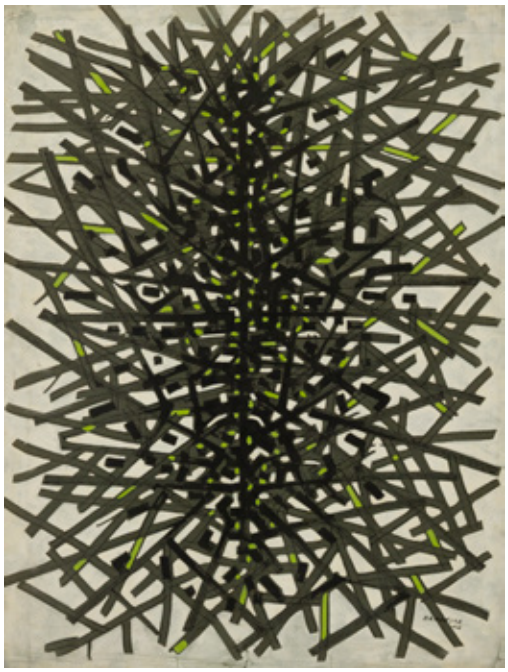
80 x 80 cm
Acrílica sobre tela

Quadro sem moldura. Composição nas cores preta, branca e azul. Formas geométricas com suporte aparente.

Ana Siqueira, Mercado das flores, 2016

42 x 100 cm
Fotografia

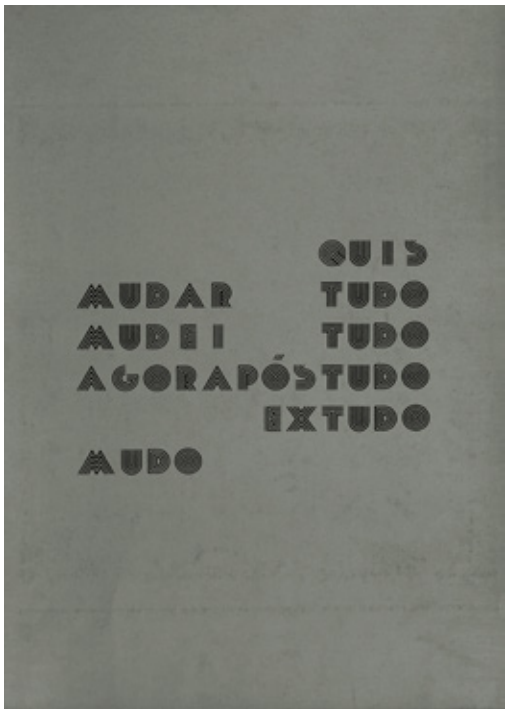
Obra com moldura de madeira claro, passe-partout branco e vidro de proteção. Fotografia de homem com pintura artística corporal, os dois braços abertos segurando buquês de flores, em frente a painel de azulejos do artista Athos Bulcão.



Antônio Bandeira, Sem título, 1956

64 x 49 cm
Técnica mista sobre papel

Quadro com moldura de madeira e passe-partout bege com bordas douradas. Pintura abstrata com traços retos na cor preta, cruzando toda a tela. Pinceladas coloridas aleatórias. Pingos de tinta laranja e branca sobre toda a tela. Predominância das cores azul, vermelho, laranja verde, branca e preta.



Augusto de Campos, Expoemas, 1985

48 x 37 cm
Álbum de poema. Impressão manual (Omar Guedes) em serigrafia com caracteres instantâneos (letraset, mecanorma, decadry).

O livro Expoema 1980-1985, exemplar 167/300. Inscrições do poema “Pós tudo 1984”.Nas cores preto e branco. Campo com fundo branco, inscrições na cor preta postas em duas colunas, com seis linhas na horizontal, unidas pelas inscrições “AGORAPÓSTUDO”.

Augusto de Campos, Expoemas, 1985

48 x 37 cm
Álbum de poema. Impressão manual (Omar Guedes) em serigrafia com caracteres instantâneos (letraset, mecanorma, decadry).

Nas cores branco e amarelo. Campo com fundo banco, ao centro, inscrições na cor amarela “PESA/PARE/SER/CRIAR/SEM/ CRER/QUARTO MAIS/ ABERTA MENOS/ DIZER” postas uma de baixo da outra formando nove linhas na horizontal.

Augusto de Campos, Expoemas, 1985

48 x 37 cm
Álbum de poema. Impressão manual (Omar Guedes) em serigrafia com caracteres instantâneos (letraset, mecanorma, decadry).

Nas cores branco e azul. Campo com fundo azul, ao centro, inscrições na cor branca “CÉU/ VASTO/ / SOB/ MILHÕES/ HOMENS/ COSMOS/ PÓ/ DO/ O/ EM/ SÓ/ O” posto círculo, tendo ao centro inscrição na cor branco “LUZ/ UM”.

Augusto de Campos, Expoemas, 1985

48 x 37 cm
Álbum de poema. Impressão manual (Omar Guedes) em serigrafia com caracteres instantâneos (letraset, mecanorma, decadry).

Nas cores branco e preto. Em campo de fundo branco, inscrições na cor preta “AO LIMITE QUE ME LIMITA/ O OLHO TLUZ/ COROPOR/ UM GRITO QUE NÃO GRITA/ AMOR/ A ALMA INDIZ/ AS INFINITO QUE INFINITA” postas em sete linhas na horizontal.

Cândido Portinari, Morro, 1957

34,5 x 15,5 cm
Desenho a lápis de cor

Quadro com moldura de madeira, passe-partout branco e vidro de proteção. Desenho de morro em camadas quadriculadas com predominância das cores vermelhas, azul, verde e preto.

Maria Tomaselli, O Morená,1987

35 cm x 25 cm
Calcogravura

Caixa de madeira com impressões em papel e impressão em acetato

Carybé, Sem título, 1970

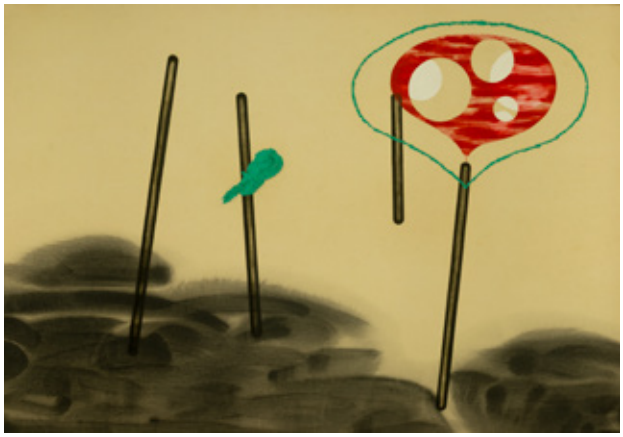
24 x 19 cm
Óleo sobre tela

Elder Rocha, Sem título, 1989

40 x 39 cm
Pigmento e colagem sobre papel

Burle Marx, Noite Indormida, 1986

58 x 98 cm
Litografia sobre papel

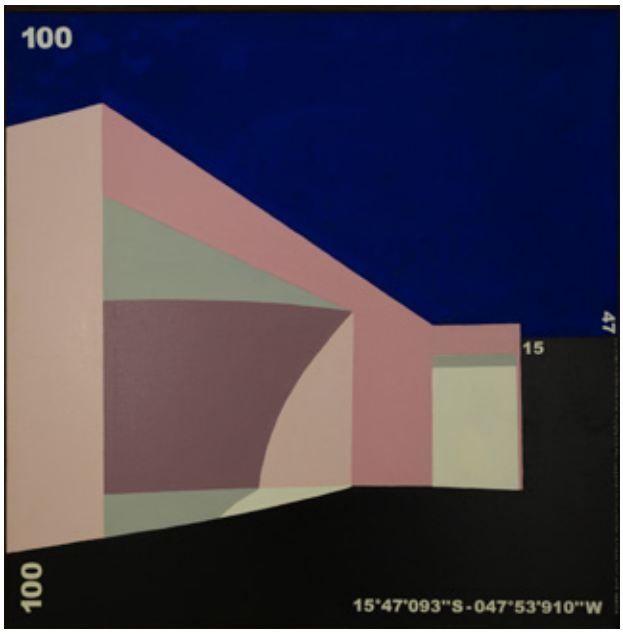


Elder Rocha, Turbulência da Memória, 2004

80 x 120 cm
Acrílica e óleo sobre tela

Emiliano Di Cavalcantti, Sem título, Sem data

60 x 81 cm
Óleo sobre tela



Gasparo Di Caro, Cine Brasília perspectivismo, 2011

100 x 100 cm
Óleo e acrílica sobre tela

acrílica e esmalte sobre tela

Josafá Neves, Negreiro III, 2013

146 x 197 cm
Óleo sobre tela

José de Deus, O gerente ficou maluco, 2016-2018

75 x 95 cm
(vinte fotografias de 15 x 15)
Instalação

Impressão de 20 fotografias fine-art sobre papel couchê e papelão

> REFERÊNCIAS

SUGESTÕES DE LEITURA

ARNHEIM, R. *Arte e percepção visual: uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 1988.

BARBOSA, A. M. *A imagem no ensino da arte*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

BELTING, H. *Antropologia da imagem*. Lisboa: Edições 70, 20024.

BERGER, J. *Modos de ver*. Rio de Janeiro: Rocco, 1972.

DIDI-HUBERMAN, G. *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: Editora 34, 2010.

ECO, U. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1989.

EISNER, E. W. *O que a educação artística pode ensinar: lições imaginativas para uma sociedade pós-moderna*. Porto Alegre: Artmed, 2002.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HERNANDEZ, F. *Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

KAPROW, Allan. '*A educação do a-Artista*'. In: MALASARTES nº3, Rio de Janeiro, 1976.

KRENAK. A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LANGER. S. *Sentimento e forma*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

_____. *O Visível e o Invisível*. São Paulo: Perspectiva, 1971.

NOVAES, Adauto. *O Olhar.* São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

OSTROWER, F. *Universos da arte*. Campinas: Unicamp. 2013.

PANOFSKY, E. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

VÍDEOS

Edilson de Souza - Obra Revelada. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=g_3dlQRn_wc&list=PL32CE57CD8D22287B&ab_channel=Ita%C3%BACultural

Chimamanda Adichie: o perigo de uma única história. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=D9Ihs241zeg&ab_channel=TED

Antonio Cícero (Documentário, 2018) - da série *República da Poesia*. Canal Curta. Disponível em: *https://canalcurta.tv.br/filme/?name=antonio_cicero*

> CRÉDITOS

Programa Educativo Museu é o Mundo

Coordenação Geral
Roseane Braga

Comunicação
Max Lage - *in memoriam*
Patrícia Reis

Design Gráfico e Gestão de conteúdo
Cristiane Dias

Produção
Dani Dumoulin

Coordenação Pedagógica
Rebeca Borges

Supervisão
Dariane Resende
Yuri Farias

Mediação
Ana Julia
Déborah Lohanny
Freelipe
Helena Andrade

Articulação e Agendamento
Klara Barker

Material Educativo:
Como ler o mundo?

Concepção e textos
Rebeca Borges

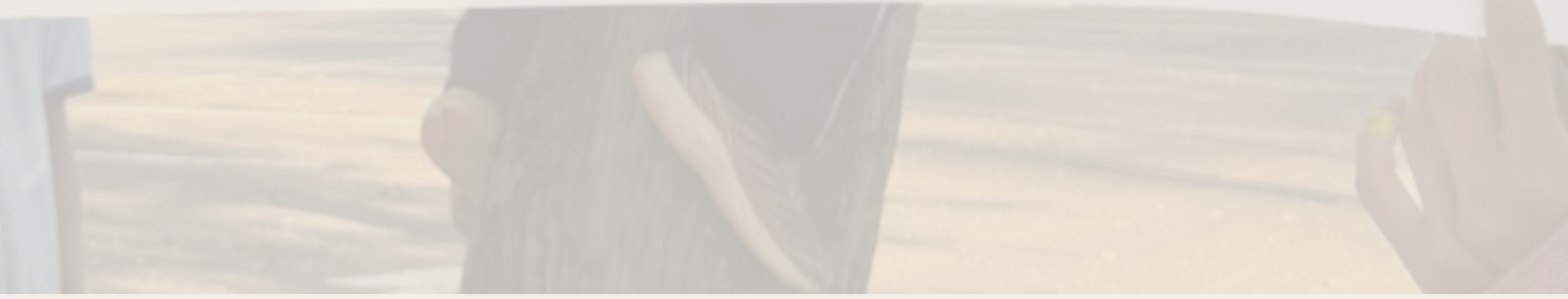
Projeto Gráfico
Cristiane Dias

Fotografias
Dariane Resende
Yuri Farias
Thaís Castro (Fotos do anexo)

@museueducativo
fb.com/museueducativo
www.museueducativo.com.br

> Informações e agendamento de visitas orientadas ao Museu Nacional da República: **61.99663-8490**

> Acesse este e outros conteúdos na plataforma do Projeto e compartilhe com a gente suas experiências lendo o mundo com seus alunos!



Este projeto é realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.